

# al-madama

ARQUEOLOGIA | PATRIMÓNIO | HISTÓRIA LOCAL

ISSN 2182-7265 [semestral]

online

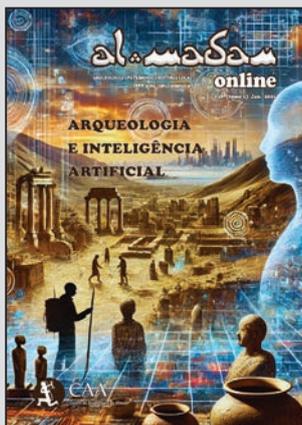
#28 (tomo 1) Jan. 2025

## ARQUEOLOGIA E INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL



CAA

Centro de Arqueologia de Almada



Capa | Jorge Raposo

Composição sobre ilustração gerada por Inteligência Artificial a partir de uma instrução inicial, num “delírio” que exemplifica as novas abordagens interpretativas ao alcance desta ferramenta tecnológica, mas também a tensão entre a especulação criativa e o rigor por que se devem pautar as Ciências Sociais e Humanas, nomeadamente a Arqueologia.

Ilustração | © Pedro da Silva, Dall-E, 2024.

**Al-Madan**  
online

2.ª Série, N.º 28, Tomo 1, Janeiro 2025

#### Proprietário e editor |

Centro de Arqueologia de Almada,  
Apartado 603 EC Pragal,  
2801-601 Almada Portugal

NIPC | 501 073 566

#### Sede do editor e da redacção |

Travessa Luís Teotónio Pereira,  
Cova da Piedade, 2805-187 Almada

Telefone | 212 766 975

E-mail | c.arqueo.alm@gmail.com

Internet | www.almadan.publ.pt

ISSN | 2182-7265

#### Estatuto editorial |

www.almadan.publ.pt

#### Distribuição |

http://issuu.com/almadan

#### Periodicidade | Semestral

**Apoios |** Associação dos Arqueólogos Portugueses / Arqueohoje - Conservação e Restauro do Património Monumental, Ld.ª / Câmara Municipal de Almada / Dryas - Octopétala, Ld.ª / Câmara Municipal de Oeiras / Neoépica, Ld.ª

**Director |** Jorge Raposo  
(director.almadan@gmail.com)

**Publicidade |** Centro de Arqueologia de Almada (c.arqueo.alm@gmail.com)

#### Conselho científico |

Amílcar Guerra, António Nabais,  
Luís Raposo, Carlos Marques da Silva  
e Carlos Tavares da Silva

**Resumos |** Autores e Jorge Raposo  
(português), Luísa Pinho (inglês)  
e Maria Isabel dos Santos (francês)

**Modelo gráfico, tratamento de  
imagem e paginação electrónica |**  
Jorge Raposo

**Revisão |** Autores e Fernanda Lourenço

**Colaboram neste tomo |**  
Luís Almeida, Massimo Beltrame,  
Luís Borges, Patrícia Brum, Fábio  
Capela, João L. Cardoso, Tânia  
Casimiro, Maria João B. Coelho,

Leonor S. da Costa, Vanessa Dias,  
Gisela Encarnação, José d'Encarnação,  
Lídia Fernandes, Jorge Forjaz, Duarte  
Formiga, Ana Fragata, Marcos T.  
E. Frota, Joaquim Garcia, Manuel  
García-Heras, Saul A. Gomes, Gerardo  
V. Gonçalves, Carolina Grilo, Javier G.  
Iñáñez, Vítor O. Jorge, Ricardo J. F.  
Lima, Sebastião L. de L. Filho, Catarina  
C. Leal, Afonso Leão, Rosa Marques,  
Sonia M. Mascarós, Victor Mestre,  
João Mirão, Judit Molera, Manoel O.  
de M. Filho, Francisco Moura, José M.  
S. do Nascimento, José L. Neto, J. Nilo  
de S. Nobre, Susana Pacheco, Pedro  
Parreira, Dina B. Pereira, Franklin

Pereira, João M. Perpétuo, Margarida  
Pogarell, Inês M. Rato, António Rei,  
Jorge M. Resende, Ana C. Ribeiro,  
Fernando Rocha, Carla D. Rodrigues,  
Clodoaldo Roldán, Filipe J. C. Santos,  
Joel Santos, Maria do C. Santos,  
Alexandre Sarrazola, João Sequeira,  
Salomé Sequeira, Pedro da Silva,  
Maria A. de Souza, José Vinagre e  
Maurizio Zambaldi

Os conteúdos editoriais da *Al-Madan Online* não seguem o Acordo Ortográfico de 1990. No entanto, a revista respeita a vontade dos autores, incluindo nas suas páginas tanto artigos que partilham a opção do editor como aqueles que aplicam o dito Acordo.

A impressionante rapidez a que se diversificam e operacionalizam as aplicações da Inteligência Artificial (IA) incute um amplo leque de sentimentos contraditórios, que vão do deslumbramento e optimismo à preocupação, angústia e mesmo fatalismo. São já evidentes os avanços obtidos em múltiplas áreas científicas e tecnológicas com impacto concreto e significativo na nossa vida, na forma como interagimos uns com os outros, com a fauna e a flora que connosco partilham este planeta, com a materialidade desse corpo celeste que nos dá abrigo e, até, com o contexto cósmico em que se movem milhões de outros. É evidente também a gigantesca margem de progresso que se antevê para todos esses campos e outros que nem imaginamos, bem como a brusca e aparentemente imparável aceleração do processo.

No campo das Ciências Sociais e Humanas, nomeadamente em Arqueologia, vão surgindo exemplos de aplicação que são eles próprios, também, exercícios de reflexão e debate, como sucede no artigo que justifica o destaque desta *Al-Madan Online*. As inegáveis potencialidades e benefícios das tecnologias baseadas em IA abrem vias de investigação fundamental e aplicada inovadoras, e dotam outras de novos recursos para resultados mais rápidos ou objectivos mais ambiciosos; mas também impõem novas questões epistemológicas, metodológicas, éticas, deontológicas..., enquanto geram riscos não despendendo que importa identificar e, na medida do possível, prevenir e minimizar. Nestes últimos avultam os “delírios” ou “alucinações” característicos desta fase de desenvolvimento da IA, que a levam a tratar toda a base informativa disponível de igual forma, sem mecanismos de avaliação e aferição de qualidade e veracidade, o que resulta em respostas “criativas” e aparentemente coerentes que, contudo, podem ser parcial ou totalmente inventadas e/ou erradas. Acresce que, numa disciplina onde o trabalho de campo e o registo ocupam um lugar central na produção do conhecimento, os perigos da geração de textos e/ou imagens modificadas ou produzidas por IA, de modo a sustentar ou aprimorar “narrativas” preconcebidas e pseudocientíficas, são evidentes e devem preocupar arqueólogos, universidades e entidades de tutela. É uma discussão que urge encetar, para que gradualmente se imponham boas práticas e mecanismos regulatórios formais e não formais que credibilizem e promovam a Arqueologia e as múltiplas disciplinas que nesta confluem. No geral, a professora catedrática Virgínia Dignum, em entrevista publicada pelo semanário *Expresso* (2025-01-17), estabeleceu uma poderosa analogia da área em que é especialista: a IA é hoje “*um automóvel sem travões, guiado por uma pessoa sem carta de condução, numa rua sem sinais de trânsito*”. Se bem que abrangente e actual, esta não é, porém, a única frente de trabalho, reflexão e debate que marca a presente intervenção em Arqueologia e no Património Cultural, em geral. As mais de 200 páginas que se seguem documentam-no bem e espero que proporcionem boas leituras.

Jorge Raposo, 20 de Janeiro de 2025

EDITORIAL... 3 ▶

CRÓNICAS

O Tempo,  
esse grande escultor |  
José d'Encarnação... 6 ▶



O gesto arqueológico |  
Vitor Oliveira Jorge... 9 ▶



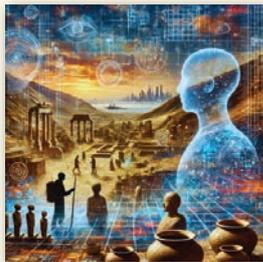
Porquê é antigo e não velho?  
Ou, porquê deixou de ser novo?



Como medimos e  
referenciamos o nosso  
tempo patrimonial  
afectivo, entre o  
material e o imaterial |  
Victor Mestre...  
12 ▶

OPINIÃO

*Delirium*: entre a Arqueologia  
e a Inteligência Artificial |  
Pedro da Silva... 14 ▶



A Tempestade de 19 de Novembro  
de 1724: na efeméride do seu triplo  
centenário (*myse en abyme*) |  
Alexandre Sarrazola... 22 ▶

ARQUEOLOGIA



Revisitando o Castro de  
Benagouro ou a Cividaiia de  
Benagouro: um património  
arqueológico abandonado e  
longe das actuais lupas da  
academia prática | Gerardo  
Vidal Gonçalves e Dina  
Borges Pereira... 30 ▶

O Castelo de  
Sampaio (São Cristóvão  
de Nogueira, Cinfães):  
um novo contributo  
para o seu estudo |  
Jorge Manuel  
Resende... 44 ▶



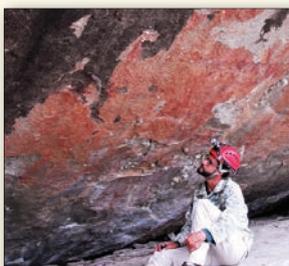
Intervenção Arqueológica na  
Quinta do Estado no Âmbito  
do Projeto “Eixo Estruturante  
Venda Nova / Falagueira - L4”  
(Amadora) | Vanessa Dias,  
Salomé Sequeira e Gisela  
Encarnação... 58 ▶



O Dom Invisível no  
Marco de Propriedade  
Associado ao Conde  
de Soure Pelo  
Território em  
Título | Filipe J. C.  
Santos... 69 ▶

HISTÓRIA DA  
ARQUEOLOGIA  
PORTUGUESA

ARQUEOLOGIA BRASILEIRA



Informações Sobre a  
Documentação Preliminar do  
Sítio Arqueológico da Toca  
da Onça (Povoado Boa Sorte,  
Região de Pedro Alexandre,  
Nordeste da Bahia, Brasil) |  
Sebastião Lacerda de Lima  
Filho, Manoel Odorico de  
Moraes Filho, Marcos Tadeu

Ellery Frota, Ricardo Junio Feitosa Lima, José Marques Souza do  
Nascimento e Maria Aparecida de Souza... 77 ▶



Forno Cerâmico Romano do Louredo  
(Santa Marta de Penaguião): conservação,  
restauração e valorização | João Miguel Perpétuo  
e Joaquim Garcia... 88 ▶



José Pires  
Gonçalves: um  
médico no “paraíso  
megalítico” de Reguengos  
de Monsaraz | João Luís  
Cardoso... 97 ▶

## ESTUDOS



Šarba / Serpa e Sua Região no Ġarb al-Andalus (Séculos VIII-XIII): novas achegas documentais | António Rei... 107 ▶

A Administração Régia das Minas de Ouro da Adiça (Almada) de 1200 a 1500 | Saul António Gomes... 115 ▶

As Mulheres da Fábrica Santos Mattos | Inês Moreira Rato, Leonor Sul da Costa e Duarte Formiga... 143 ▶



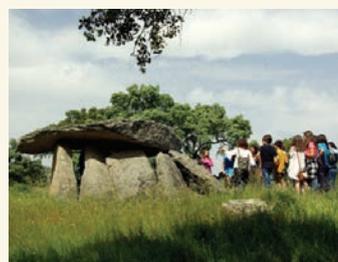
Atrás das Grades - II: a comunidade conventual de Santa Clara de Coimbra no século XV | Catarina Cunha Leal, Maria João Bernardes Coelho e Maria do Céu Santos... 131 ▶

## PATRIMÓNIO



Lajes War Cemetery (Terceira, Açores) | Carla Deveses Rodrigues, José Luís Neto e Luís Borges... 159 ▶

Património Partilhado: duas décadas de educação patrimonial em Avis | Ana Cristina Ribeiro... 152 ▶



Um Solar de Família no Cabo da Praia (Terceira, Açores) | Jorge Forjaz, José Luís Neto, Luís Borges, Pedro Parreira e Tânia Manuel Casimiro... 168 ▶



História Mercadológica: do monumento histórico como referência cultural ao património como produto | João Nilo de Souza Nobre... 176 ▶

Descolonizar a Arqueologia Industrial: o caso da Fábrica de Pólvora de Vale de Milhaços | Francisco Moura, João Luís Sequeira, Tânia Casimiro, Joel Santos, Afonso Leão, Susana Pacheco e Margarida Pogarell... 186 ▶



Sacos de Pastores do Alentejo: a coleção de António Carmelo Aires - Parte II | Franklin Pereira... 196 ▶



## EDUCAÇÃO PATRIMONIAL

## NOTICIÁRIO ARQUEOLÓGICO

Pendente de cornalina recolhido no Cerro do Castelo de Alferce (Monchique) | Fábio Capela, José Vinagre e Massimo Beltrame... 203 ▶

## EVENTOS

O Museu de Lisboa - Teatro Romano e a 3.ª edição do *Open House Arqueologia* em Lisboa | Lídia Fernandes, Carolina Grilo e Patrícia Brum... 206 ▶

Crónica do XV Congresso Ibérico de Arqueometria | Fernando Rocha *et al.*... 212 ▶

Algumas reflexões a partir do Curso de Introdução à Geoarqueologia da UNIARQ | Maurizio Zambaldi e Luís Almeida... 214 ▶

Agenda de Eventos... 217 ▶

## LIVROS & REVISTAS

Os Romanos em Valongo | José d'Encarnação... 218 ▶

Em prol do Património | José d'Encarnação... 220 ▶

Um vade mecum para a Arqueologia | José d'Encarnação... 221 ▶

Marcas de ânforas romanas da Lusitânia | José d'Encarnação... 223 ▶

Novidades editoriais... 222-228 ▶

# O Tempo, esse grande escultor!

José d'Encarnação [Catedrático de História, aposentado, da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra].

Por opção do autor, o texto não segue as regras do Acordo Ortográfico de 1990.

**A**percebi-me agora que a frase – tão amiudadas vezes repetida, mas mais do que amiudadas vezes esquecida – é o título duma obra de Margherite Yourcenar (1903-1987). Saboreei dela, como muitos de nós, as *Memórias de Adriano*; raros terão tido, porém, como eu tive, a emoção de me sentar no sofá donde ela, em casa de Lidia Storoni Mazzolani, contemplava o Castel Sant'Angelo, o Tibre a deslizar, sereno, como que a seus pés.

Curiosamente, Margherite usa a expressão, num dos capítulos desse livro, no seu sentido concreto: a vida de uma escultura, desde que é concebida, moldada e o que tempo nela vai alterando até – quem sabe? – um dia ser feita em pedaços.

Prefiro agarrar não no concreto, mas no simbolismo da frase.

A lembrar aquela rolha que, ao sair do gargalo, me surpreendeu com a mensagem nela gravada: «Feito devagar no Alentejo».

Outras adegas, outras instituições reflectiram no seu significado profundo e noutros contextos a foram replicando.

«Devagar se vai ao longe», «Dá tempo ao tempo»...

Não consigo, porém, parar um momento sequer para alinhar em prateleiras lógicas as ideias que, de repente, me chegam em catadupa. De lápis na mão (o teclado do computador é mesmo um empecilho à fluência do pensamento!), passo para o papel o que na cabeça se me atropela, na esperança de que, no final, tudo junto dê para uma conclusão, lidima, serena, assim a modos da moral com que terminam as fábulas. É verdade, já Cristo assim procedera, ao falar em parábolas: os Seus ouvintes aprenderiam com uma história concreta, do dia-a-dia, mais facilmente seria assimilada a lição.

Houve alguém que louvou outrem por ser dotado de «saber de experiência feito». Cá está: o tempo a ensinar. E esse «outrem» foi Camões (*Os Lusíadas*, canto IV, estância 94), ao referir o «velho de aspecto venerando», esse mesmo, o do Restelo. Amiúde se aludirá a essa frase e se falará desse 'velho', nem sempre em tom de agrado. Ela se me ocorreu agora, porque consciencializá-la, digo eu («velho do Restelo»), tê-la sempre presente não é tarefa banal.

**C**hegado a este ponto, outra frase me ocorre, a do *Cântico Negro*, do José Régio, «Não sei para onde vou – Sei que não vou por aí!». Teimoso, vou. Correndo, muito embora, já que estamos em maré de frases feitas, o eminente perigo de querer ensinar o padre-nosso ao vigário, tomo, de soslaio, como quem não quer a coisa, uma vereda sinuosa por onde me seguirá apenas quem estiver para aí virado. Que as veredas, embora sinuosas como esta (não há veredas direitas, bem se sabe!), podem encurtar caminho e desvendar segredos que as amplas avenidas não têm.

Pese a incessante publicidade que proclama cada vez maior rapidez de resposta por parte da inteligência artificial, cientes estamos já de que a pausa, o fazer uma coisa de cada vez, o pensamento domesticado são trunfos essenciais para eficiente trabalho científico, onde a atenção aos pormenores se reveste de relevância capital. Escreveu Michel QUOIST (1965: 123): «Nunca ganharás tempo fazendo várias coisas simultaneamente. À mesa, quando enches os copos, enches um de cada vez. Na vida, é necessário encher de cada vez um minuto, se não certos instantes transbordarão, ao passo que outros ficarão vazios».

«O grande mal da hora que passa é o delírio da velocidade. [...] Quem pretender acabar depressa um trabalho faz esse trabalho com imperfeição e corre o risco de se atrasar. Não há melhor maneira de produzir do que não ter pressa nem se precipitar» (VIANA, 1943: 237). Não me enganei, não: o livro donde retirei esta frase foi mesmo dado à estampa em 1943! E o curioso é Mário Gonçalves Viana já então escarpelizar a ânsia de correr, de chegar ao fim! Julgávamos nós que fosse pecha apenas do século XXI...

**S**ucedo hoje, todavia, que há pressa para tudo, mormente porque a nossa caixa de correio – não a da rua que, desolada, dias e dias, ora nada a conforta, mas a do nosso computador ou do telemóvel – está constantemente a correr sério risco de ficar atafalhada!... Raramente lemos com atenção o «assunto». Aliás, amiudadas vezes (já disse nos apercebemos), nem vale a pena ler essa 'prateleira', porque ou é a cópia do que viera noutra mensagem e o conteúdo

“**Pese a incessante publicidade que proclama cada vez maior rapidez de resposta por parte da inteligência artificial, cientes estamos já de que a pausa, o fazer uma coisa de cada vez,**

**o pensamento domesticado são trunfos essenciais para eficiente trabalho científico, onde a atenção aos pormenores se reveste de relevância capital.**”



— JOSÉ LUIS MADEIRA — 2024

Ilustração: José Luis Madeira, 2024.

desta nada tem a ver com o apregoado «*assunto*» da outra, ou o remetente nem se deu ao trabalho de procurar, em duas ou três palavras, sintetizar o conteúdo da sua nova missiva. Quanta vez, esse conteúdo nada tem a ver com o que vinha mencionado no ‘assunto’!...

O mais digno de análise, desse ponto de vista da atenção e da pressa, é a identificação, em correio electrónico, do cartaz que se anexou à mensagem, referente ao evento que se quer divulgar. Mas que evento? «*Cartel Congreso - comprimido*» leio no anexo duma mensagem e pergunto-me «comprimido»? «Que Congresso?»...

Ou este: 2024\_CULTURA\_C\_CULTURAL\_CASCAIS\_HERALDICA\_VILA\_CONVITE.jpg...

Frequentemente, o nosso interlocutor agarrou na última prova do cartaz – DEFINITIVO vem lá, por vezes – e partilhou-o, sem se aperceber que a identificação era técnica, de dígitos e letras cifrados, sem significado para quem não está dentro do departamento criativo do mesmo. E até é capaz de estar mesmo com a dimensão A2, própria de cartaz, um peso informático exagerado, quando, em singela mensagem, deverá ser reduzido, desde que tenha legibilidade.

Uma carta – como o «*Postal dos Correios*», de Rui Veloso, imortalizado pelos Rio Grande – tem princípio, meio e fim. Assim a mensagem por correio electrónico. Há que ler o princípio, o meio e o fim. Às vezes, até tem *post-scriptum*. Já todos recebemos, mais do que uma vez, «*desculpa, não li a mensagem até ao fim, desculpa!*». Pois. A pressa. Não é que se aplique sempre aquele prolóquio «*in cauda venenum*», no escorpião – e não só!... – é na cauda, no final que está o veneno; mas, às vezes, não deixa de ser verdade.

Lembro-me com frequência duma entrevista (creio mesmo que já mais de uma vez o referi), uma das últimas entrevistas televisivas dada por Manuel da Fonseca (1911-1993), o prodigioso autor de *Seara do Vento* (1958). À pergunta de Carlos Cruz (cito de cor) sobre o que é que mais o impressionava agora, ou seja, em Janeiro de 1992, prontamente respondeu, mais ou menos nestes termos: “– *A pressa! As pessoas atropelam-se na rua, tudo quer chegar depressa. Hoje empurra-se muito!*” Muito se gostaria de assentar praça já com as estrelas de general!... Programas televisivos como «*Primeira Pessoa*», na RTP 1, de Fátima Campos Ferreira, ou o «*Alta Definição*», do Daniel Oliveira, na SIC, aí estão para mostrar quantos dos

“ [...] em Arqueologia,  
pensei, não se pode andar  
depressa, todos os pormenores  
merecem atenção e, amiúde,  
é lá bem no fundo duma  
Unidade Estratigráfica que  
se esconde a solução  
do enigma.”

célebres de hoje comeram, vida afora, o pão que o Diabo amassou, até passaram fome e tudo superaram, a pulso.

Dir-se-á que estão bem desalinhas estas linhas, na revista que é órgão dum Centro de Arqueologia. Aceito a crítica. Hesitei, aliás, em propor a sua publicação. Acabei por propor – que, em Arqueologia, pensei, não se pode andar depressa, todos os pormenores merecem atenção e, amiúde, é lá bem no fundo duma

Unidade Estratigráfica que se esconde a solução do enigma... O *refêree* (uso o termo, porque o detesto) dum dos meus artigos (potencialmente de teor científico) criticou-me acerbamente por eu usar pontos de exclamação e reticências em contexto científico. Retirei, pois, a maior parte das exclamações e das reticências. Isto é, nesse retirei-me, homem, e ficou apenas o ‘cientista’. Perdoar-me-á, leitor, se, aqui, mais uma vez, humano quis permanecer, com o entusiasmo das exclamações do homem e a duvidosa suspensão das incertezas do cientista. 🐉

*José d’Encarnação,*

Cascais, 7 de Novembro de 2024

#### REFERÊNCIAS

QUOIST, Michel (1965) – *Construir*. Lisboa: Moraes Editores.

VIANA, Mário Gonçalves (1943) – *A Arte de Estudar*.

Porto: Editora Educação Nacional.